

## **BRINCADEIRAS COM BOLA NA ESCOLA, UM ESTUDO SOBRE O "BASE 4"**

José Thiago Rodrigues da Silva<sup>1</sup>

Universidade Nove de Julho, UNINOVE

Brasil josethiago.rodrigues@hotmail.com

### **RESUMO**

Este estudo surgiu das observações feitas durante o período de estagio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência – PIBID, em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, situada à zona norte de São Paulo. As observações feitas às turmas do 5º ano do Ensino Fundamental renderam reflexões com relação à conduta docente frente à Cultura Corporal dos estudantes, em sua maioria crianças de 11 anos de idade. Durante as aulas com a temática “Brincadeiras com bola” tanto o repertório motor quanto as vivências da cultura corporal dos estudantes foram, cuidadosamente, valorizadas desde a escolha das práticas a serem vivenciadas no início da proposta, com sugestões de alterações de regras e variações regionais, até a elaboração de novas possibilidades de brincar com base nas sugestões dos estudantes e na incorporação de novos elementos as brincadeiras em questão. Para este estudo foi escolhida uma prática tradicional da cultura corporal dentro do rol de possibilidades das brincadeiras com bola, uma brincadeira popularmente conhecida como “Base 4”, com o objetivo de investigar tanto a intervenções docente ao conduzir a proposta quanto as ações discentes como protagonistas da prática sob uma ótica das abordagens culturais. Para dialogar com a prática escolhida utilizou-se de referenciais teóricos das abordagens pós-críticas e culturais da Educação Física escolar e, como resultados, percebeu-se que as ações docentes, tais como aconteceram durante a sequência didática, são coerentes com o que se espera de um professor de Educação Física segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais e as Orientações Curriculares da Prefeitura de São Paulo. Com relação a conduta discente percebe-se que, apesar da demasiada preocupação do adulto em conceituar as vivências lúdicas infantis, para estes o importante é a ação lúdica em si e não o significado social de suas práticas.

**Palavras chave:** Brincadeiras; Cultura Corporal; Educação Física escolar;

---

<sup>1</sup> Pedagogo formado pela Faculdade Mozarteum de São Paulo, professor de Educação Infantil na rede municipal de São Paulo e graduando em Educação Física pela Universidade Nove de Julho - UNINOVE

## Introdução

A proposta pedagógica a ser analisada no presente estudo surgiu nas aulas de Educação Física do ciclo I do Ensino Fundamental em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental situada na zona norte da capital paulista. No retorno do recesso escolar, após já ter desenvolvido trabalhos com as temáticas de Ginástica Rítmica, Ginástica Artística, Parkour e Futebol, percebeu-se a necessidade de se trabalhar com as crianças valorizando seu repertório de jogos e brincadeiras, uma vez que este público em específico aprecia tais práticas e, constantemente, indagava a docente quanto à possibilidade de “aulas livres” para poderem expressar, coletivamente, esta faceta da cultura infantil.

Segundo as Orientações Curriculares para o ensino da Educação Física da Prefeitura de São Paulo, é importante que a cultura corporal dos estudantes, seus anseios e interesses sejam considerados durante o planejamento e execução do processo educativo. Assim:

Os estudantes devem participar na aula trazendo tanto seus conhecimentos e concepções quanto seus interesses, preocupações e desejos para sentirem-se envolvidos num processo vivo, no qual o jogo de interações, conquistas e concessões provoquem o enriquecimento de todos. Nessa perspectiva, é inegável a importância da intervenção e mediação do professor e a troca entre os estudantes, para que cada um vá realizando tarefas e resolvendo problemas, que criem condições para desenvolverem suas capacidades e seus conhecimentos. (SÃO PAULO, 2007, p. 22)

No início do trabalho foram escolhidas categorias de brincadeiras para cada grupo de crianças. Neste momento, não foram consideradas as adequações de cada categoria de brincadeira a faixa etária dos grupos, apenas foram considerando as opiniões, sugestões e anseios das crianças. Para as crianças das turmas do 1º ano foi escolhida a categoria “brincadeiras com corda”, para as crianças dos 2º e 3º anos, foi escolhida a categoria “brincadeiras de pega-pega” e, para as turmas dos 4º e 5º anos, foi escolhida a categoria “brincadeiras com bola”.

Para cada categoria escolhidas foi conduzida uma roda de conversa com o intuito de elencar uma lista de jogos e brincadeiras que atendessem as características estipuladas.

Dentre as brincadeiras e jogos elencados pelos estudantes havia o cuidado da docente em anotar o nome da criança que a sugeriu para que no momento oportuno esta criança pudesse conduzir a roda de conversa ensinando sua “forma de jogar” aos demais. Neste processo de construção coletiva as regras eram consensuais e, à medida que surgiam divergências de regras e de formas de jogar conhecidas por diferentes crianças, estas eram debatidas pelo grupo na busca por um consenso ou, caso não houvesse possibilidade de consenso, partia-se a vivência prática, ora com a experimentação de uma regra e ora com a experimentação de outra, assim como propõe o documento de “Expectativas de Aprendizagem” da Prefeitura de São Paulo:

A aula deve tornar-se um fórum de debates e negociação de concepções e representações da realidade, um espaço de conhecimento compartilhado no qual os aprendizes sejam vistos como indivíduos capazes de construir, modificar e integrar idéias, tendo a oportunidade de interagir com outras pessoas, com objetos e situações que exijam envolvimento, dispondo de tempo para pensar e refletir acerca de seus procedimentos, de suas aprendizagens, dos problemas que têm de superar. (SÃO PAULO, 2007, p. 22)

Durante o processo de elaboração da lista e dos consentimentos quanto às regras e formas de jogar de cada brincadeira, novos elementos eram incorporados e/ou substituídos a cada atividade lúdica vivenciada, pesquisas eram feitas na internet e todos podiam colaborar, com sua vivência, com seu repertório valorizado.

Para este estudo foram observadas as aulas de Educação Física de duas turmas do 5º ano, as quais participaram de diversas “brincadeiras com bola”. Dentre as brincadeiras vivenciadas pode-se citar: taco, brincadeiras de arremesso, seqüências de queimadas, entre outras. A brincadeira escolhida para esta análise é a popularmente conhecida como “base 4”, na busca por identificar, dentro desta prática da cultura corporal infanto-juvenil, a conduta discente e as intervenções docentes frente a atividade lúdica em questão.

## **1 DESCRIÇÃO DA PROPOSTA PEDAGÓGICA**

Para melhor compreensão e classificação da atividade lúdica em questão faz-se necessário a descrição de seu desenvolvimento tal qual ocorreu nas aulas de Educação Física para as turmas dos 5º anos de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental.

A descrição da atividade a seguir, retirada do website Mapa do Brincar<sup>2</sup>, elaborado e mantido pelo jornal Folha de São Paulo, detalha a atividade lúdica “Base 4”, originalmente brincada por meninos e meninas de Marinópolis interior de São Paulo e tal como ensinada aos estudantes observados.

### **Jeito de brincar**

- A brincadeira é feita numa quadra, que é dividida ao meio. Nessa metade da quadra, o grupo desenha quatro círculos, um em cada canto. E, no meio do espaço, escreve “base”.
- Os participantes se dividem em dois grupos, com o mesmo número de integrantes. Os grupos tiram na sorte para saber quem começa na base. Mas só um participante do grupo escolhido vai para a base – não o time todo. Os outros integrantes dos dois grupos se separam pela quadra.
- Essa pessoa que está na base começa com a bola que é chutada para alguém do seu grupo. Quem receber a bola tem que chutar a bola para a outra metade da quadra, não ocupada pelos jogadores. É claro que os jogadores do outro grupo vão tentar roubar a bola, evitando que seja lançada para longe.
- Quando a bola é chutada para longe por um dos integrantes de um time, alguém do outro grupo tem que correr atrás dela. Enquanto isso, quem chutou a bola sai correndo para tentar cruzar as quatro bases.
- Se a pessoa que for buscar a bola retornar antes que o adversário complete a volta (pelas quatro bases), ela pode queimá-lo, eliminando-o do jogo. Para não ser queimado, o participante corre para a base mais próxima.
- Se ele conseguir cruzar as quatro bases antes que o participante que foi atrás da bola volte, seu time marca um ponto. O jogo segue com outro integrante do mesmo grupo posicionando-se na base.
- Quando todos os integrantes de um time chutarem, os participantes do time adversário assumem a base. Quem fizer mais pontos ganha.

## **2 ANÁLISE DA PROPOSTA PEDAGÓGICA**

Para fomentar a descrição da atividade lúdica “base 4” os critérios adotados seguiram a proposta de Friedmann (1996, p. 14) “ao sugerir que quando pensamos na atividade lúdica, devemos levar em consideração o tempo e o espaço de brincar; a relação entre meios e fins; o(s) parceiro(s) do jogo; os objetos do jogo e; as ações do sujeito: físicas e/ou mentais”.

De acordo com os critérios descritos por Friedmann (1996) e anteriormente citados, o tempo do brincar é indeterminado, sendo combinado o número

---

<sup>2</sup> MAPA DO BRINCAR. <http://mapadobrinca.folha.com.br/brincadeiras/bola/35-base-4>

de rodadas para cada time e o espaço é prioritariamente a quadra. Por se tratar de uma atividade lúdica que envolve competição entre duas equipes, a relação entre meios e fins dá-se com a exploração de movimentos e situações pré-desportivas, sendo que esta proposta é comumente utilizada como iniciação a desportos coletivos. Como parceiros do jogo temos meninos e meninas em duas equipes mistas sendo necessário ao menos duas duplas para que o jogo ocorra. Os objetos do jogo são simples, sendo necessário apenas algumas marcações no chão e uma bola. Quanto às ações do sujeito: físicas e/ou mentais há grande movimentação com momentos de corrida, arremessos, recuperações e rebatidas o que requer recrutamento de variados elementos do repertório motor dos estudantes bem como reflexões, análises e elaboração de estratégias para superar os adversários e marcar mais pontos.

Segundo Friedmann, no estudo do jogo, da brincadeira ou do brinquedo, pode-se observar: (1996, p.12):

“O comportamento das crianças (a brincadeira propriamente dita), no que diz respeito às atividades físicas e mentais envolvidas; as características de sociabilidade que o jogo propicia (trocas, competições etc.); as atitudes, reações e emoções que envolvem os jogadores; e os objetos utilizados (brinquedos e outros). Ao passar para uma interpretação dos dados, fornecidos por essas observações, surgem diferentes perspectivas de análises do comportamento de brincar: afetivas, cognitivas, sociais, morais, culturais, lingüísticas etc.

Com base nestes critérios, percebe-se no comportamento das crianças grande entusiasmo e dedicação durante a proposta que pressupõe, como característica de sociabilidade, competição entre duas equipes. No início da competição há a reunião do grupo para elaboração de estratégias e revisão dos pontos fortes e fracos dos integrantes do próprio time e do adversário. Quanto às diferentes perspectivas de comportamento há entre os jogadores rivais poucas trocas, sendo os maiores aprendizados frutos da observação dos sucessos e fracassos nas rodadas anteriores. Entre o próprio time há grande entrosamento e incentivo para atingir a meta nas jogadas individuais (rebatida das bolas e corrida para alcanças as bases e atingir a meta do jogo). Entre uma rodada e outra há a troca de experiências e análise dos fatores que permitiram sucesso ou fracasso de uma ou outra equipe.

Ainda segundo Friedmann (1996, p. 12): O jogo infantil pode ser analisado sob diferentes enfoques tais como o sociológico, o educacional, o psicológico, o antropológico e o folclórico.

Na perspectiva sociológica a ênfase é dada a influência do contexto social de cada grupo de criança em suas brincadeiras. Na educacional é levada em consideração a contribuição do jogo para o desenvolvimento e/ou aprendizagem da criança. Sob a ótica psicológica o jogo é visto como meio para compreender o funcionamento da psique, das emoções e da personalidade das crianças podendo ser usado de forma clínica como no caso da ludoterapia. Na perspectiva antropológica o foco é dado à forma como o jogo reflete, em cada sociedade, os costumes e a história das diferentes culturas. Por fim, a abordagem folclórica analisa o jogo como expressão da cultura infantil através das diversas gerações. Neste sentido são consideradas as tradições e costumes embutidos no jogo através dos tempos e nele refletido.

Nesta perspectiva, analisamos o “base 4” sob o ponto de vista folclórico considerando esta atividade lúdica como expressão da cultura infantil e suas relações com as tradições e costumes e com a Educação Física contemporânea. Considerando as ações dos estudantes durante a brincadeira e as intervenções docentes ao conduzir a proposta surge um questionamento imprescindível a este momento: como classificar a atividade lúdica “Base 4”? Seria ela uma brincadeira uma vez que surgiu de sugestões dos estudantes como possibilidade para as “brincadeiras com bola”, ou seria ela um jogo devido as suas características de “atividade pré-desportiva” para o baseball?

Com o objetivo de analisar a atividade lúdica “base 4”, enquadrada inicialmente neste estudo dentro do rol de possibilidades das brincadeiras com bola, é necessário compreender a qual tipo de atividade esta prática da cultura corporal se enquadra, se nas brincadeiras como a proposta inicial sugeria ou se nos jogos de regras. Para auxiliar a compreensão destes conceitos Friedmann propõe que:

“É importante ressaltar, neste momento, a definição de alguns termos utilizados: brincadeira refere-se, basicamente, à ação de brincar, ao comportamento espontâneo que resulta de uma atividade não-estruturada; jogo é compreendido como uma brincadeira que envolve regras; brinquedo é utilizado para designar o sentido de objeto de brincar; atividade lúdica abrange, de forma mais ampla, os conceitos anteriores.” (Friedmann, 1996, p. 12)

Assim, mesmo com características que o aproximam mais do jogo do que das brincadeiras, o “base 4” pode ser considerado uma atividade lúdica uma vez que esta terminologia abrange conceitos mais amplos das anteriores.

Se considerado o brincar quanto ação lúdica e a sistematização e conhecimento das regras como fundamentais para participar de uma partida de Base 4, logo tal atividade lúdica enquadra-se mais como um jogo de regras, em que estas são essenciais, do que uma brincadeira, cuja participação e interação dos brincantes é mais espontânea.

Mas se a atividade lúdica “Base 4” tem em suas características maior aproximação do conceito de Jogo de regras do que o de brincadeira, como considerar sua inclusão no rol de possibilidades das “brincadeiras com bola”? Segundo Friedmann (1996, p. 18) “quando analisamos os objetos do jogo (e/ou brinquedos), não podemos deixar de pensar no contexto em que estão inseridos: familiar, tecnológico, educacional e/ou mercadológico”, dessa forma é preciso entender como surgiu esta prática da cultura corporal e a partir de quando passou a ser considerada pelas crianças como uma brincadeira.

“Do ponto de vista histórico, a análise do jogo é feita a partir da imagem da criança presente no cotidiano de uma determinada época. O lugar que a criança ocupa num contexto social específico, a educação a que está submetida e o conjunto de relações sociais que mantém com personagens do seu mundo.” (Kishimoto, 1998, p. 7)

Mas de onde surgiu a atividade lúdica hoje conhecida como “Base 4”? Quem a praticava? Onde era praticada? Onde as crianças brincam atualmente?

“Antigamente, a rua enquanto prolongamento da casa do operário, integrava o cotidiano das crianças... as crianças aproveitavam espaços das ruas para expressar suas brincadeiras. O perigo da rua para a formação da criança motivou autoridades municipais a instalar, a partir de 1935, parques infantis com o intuito de retirar o contingente infantil das ruas da capital paulista. Considerado espaço perigoso, degenerador da criança, a rua não era tida como local ideal para a sua permanência. Na visão das autoridades, brincadeiras de rua pertenciam ao mundo das crianças de rua, filhas do operariado, consideradas miseráveis, maltrapilhas, promíscuas, desordeiras e imorais. Meninos de famílias mais abastadas eram proibidos de sair às ruas e suas brincadeiras restringiam-se ao espaço doméstico, nos quintais e clubes” (Kishimoto, 1998, p. 83)

Mas se nossas crianças não encontram nas ruas espaço apropriado para exercerem sua infância para produzirem cultura e por ela serem produzidas encontramos nas escolas espaço essencial para essa convivência, não como espaço compensatório, visando restituir as crianças o que é delas por direito e sim como espaço onde podem, junto com seus pares, construir saberes e uma cultura própria de sua idade.

A escola como espaço unificador de diferentes infâncias tem hoje o benefício de resgatar verdadeiras coleções de jogos e brincadeiras retratando um quadro do que crianças de ontem e de hoje brincam. Deve-se, no entanto, atentar quanto ao “risco de transformar essas coleções de jogos em documentos mortos, quando a dinâmica é uma das características fundamentais do jogo infantil” (Friedmann, 1996).

Sabe-se do caráter predominantemente esportivista que a Educação Física escolar brasileira desempenhou durante anos e de sua atual abordagem com um currículo cultural que valoriza diferentes práticas da cultura de movimentos dos estudantes, assim, torna-se compreensível a inclusão de atividades lúdicas como o “base 4” no atual repertório de jogos e brincadeiras das crianças contemporâneas que têm predominantemente na escola, e nas aulas de Educação Física, espaço privilegiado para expressar, ampliar e vivenciar suas brincadeiras.

### **3 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), a Educação Física escolar contemporânea trata a cultura corporal e da motricidade humana como meio de expressão e comunicação. Nesta perspectiva, o corpo é tido como um “corpo cidadão” que, diferente de outrora, é considerado como pertencente a um tempo histórico e um espaço social a ser considerado. Assim as Orientações Curriculares da Prefeitura de São Paulo supõe que:

Mediante tais constatações, recorreu-se a uma quarta possibilidade para o entendimento da motricidade. Além das já mencionadas, ela pode também ser concebida como uma forma de comunicação e expressão. Neste viés, entende-se que homens e mulheres por meio dos seus gestos (movimentos com significados culturais) socializam e transmitem seus modos de ver o mundo, seus sentimentos, valores, enfim, sua cultura, consubstanciados nas manifestações corporais sistematizadas, produzidas, reproduzidas e transmitidas de geração a geração, ou seja, a sua cultura corporal. Resumidamente, essa cultura reúne todas as produções relacionadas ao corpo e sua gestualidade. A cultura corporal é uma das possibilidades de interação entre os diversos grupos que constituem a sociedade, independentemente dos seus valores, normas ou padrões. Assim, entre as formas culturais de cada grupo encontram-se as práticas corporais da intencionalidade comunicativa da motricidade sistematizada, construída no seio de cada grupo social, diversificando-se e reconstruindo-se nas muitas combinações pelo confronto com outros grupos. Esse patrimônio histórico-cultural se fixou pelas expressões hoje conhecidas por brincadeiras, esportes, ginásticas, lutas, danças e outras manifestações culturais expressas pela motricidade humana. (SÃO PAULO, 2007, p. 33 e 34)

Ainda segundo este documento (2001, p.33 e 34), após diversas transformações históricas e sociais, a Educação Física, constituindo a metáfora do corpo-cidadão, concebe a motricidade humana enquanto forma de produção e comunicação cultural:

Mais recentemente, as práticas corporais passaram a ser entendidas como formas de expressão que apresentam como característica principal a capacidade de agrupar diferentes pessoas em torno de um mesmo objetivo. Simultaneamente, a educação física sofreu influências dos debates emergentes em torno do seu alinhamento à função social da escola desencadeando a busca de um sentido mais democrático e contextualizado para sua ação pedagógica. Essa compreensão tornou primordial a busca por alternativas para as propostas curriculares acima arroladas, pois, para grande parte dos educadores, elas se afastavam das novas orientações que direcionaram os objetivos educacionais para a transformação da sociedade brasileira. Os discursos político e pedagógico após os anos 1980 incorporaram termos como democracia, direitos humanos, justiça social, igualdade de acesso e oportunidade etc. As diretrizes que advieram desse movimento apontaram não somente para a construção de um sujeito competente e habilidoso para a execução das tarefas cotidianas requeridas por uma sociedade cada vez mais tecnológica, como também, o desenvolvimento de uma postura crítica perante as práticas sociais, sobretudo, àquelas referentes às manifestações da motricidade humana sistematizada. (SÃO PAULO, 2007, p. 34)

Estaria a Educação Física escolar contemporânea e seus profissionais preparados para permitir aos seus estudantes apresentarem seus anseios, desejos, capacidades, gostos, saberes, hipóteses e mais uma infinidade de possibilidades de expressarem-se corporalmente?

Espera-se, tanto dos profissionais em Educação Física escolar, quanto dos estudantes, uma série de comportamentos relativos a “ação e reflexão” expressos em documentos oficiais das redes de ensino tais como “Expectativas de Aprendizagem”, “Parâmetros Curriculares”, “Orientações Didáticas”, dentre outros. Tais documentos visam nortear o processo educativo e valorizam práticas que consideram os estudantes como protagonistas deste processo, com conhecimentos prévios a serem considerados. Assim, a Educação Física escolar contemporânea constitui-se como uma faceta a mais de um processo educativo maior, comprometido com a formação do cidadão.

#### 4 CONSIDERAÇÕES

Ao analisar as aulas de Educação Física com a temática “brincadeiras com bola”, com ênfase na brincadeira “base 4”, foi possível perceber na ação docente sua apropriação do que espera-se de um profissional de Educação Física atualmente, baseado nos documentos oficiais tanto em âmbito federal (Parâmetros Curriculares Nacionais), quanto no âmbito estadual (Proposta Curricular do Estado de São Paulo) e municipal (Orientações Curriculares e Propostas de Expectativas de Aprendizagem). Para este profissional contemporâneo em consonância com o currículo cultural da Educação Física escolar, espera-se “a partir do variado repertório de conhecimentos que os alunos já possuem sobre diferentes manifestações corporais e de movimento, e buscar ampliá-los, aprofundá-los e qualificá-los criticamente”. (SÃO PAULO, 2008, p. 43)

Com relação a ação discente frente a proposta inicial, percebe-se que, independente da visão dos pesquisadores sobre as diferenças epistemológicas entre jogos e brincadeiras, o que vale é sua participação e entrega a proposta em questão, uma vez que, segundo Friedmann (1996, p. 18) “a ação (e a reação) da criança durante o jogo é o “ingrediente” básico para que a brincadeira aconteça. A passividade (física ou mental) não vai ao encontro da idéia de jogo nem desenvolvimento.”

Originalmente a atividade lúdica “base 4” não poderia ser considerada uma brincadeira por não enquadrar-se nas características dessa prática da cultura corporal. Se consideradas suas características, enquadrar-se-ia nos jogos de regras uma vez que, segundo Kishimoto (1998, p. 15) “o jogo tradicional (brincadeira tradicional) guarda a produção espiritual de um povo em certo período histórico. Essa cultura não oficial, desenvolvida sobretudo pela oralidade, não fica cristalizada. Está sempre em transformação, incorporando criações anônimas das gerações que vão se sucedendo.”

Mesmo ao considerar-se o caráter dinâmico e de constante transformação dos jogos é importante ressaltar que à criança nada disso importa ao brincar. A criança brinca o jogo e joga a brincadeira como único compromisso de divertir-se no processo. Os preocupados em sistematizar algo natural à infância somos nós, adultos, na ancã de não perder algo que é típico, característico e próprio da cultura infantil.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997;

FRIEDMANN, Adriana. **Brincar: crescer e aprender – O resgate do jogo infantil**. São Paulo: Moderna, 1996.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação** – 5ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

MAPA DO BRINCAR. <http://mapadobrinCAR.folha.com.br/brincadeiras/bola/35-base-4>  
- Acessado em 03 de novembro de 2014 as 18:25h

SÃO PAULO (SP). SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. DIRETORIA DE ORIENTAÇÃO TÉCNICA. **Orientações curriculares e propostas de expectativas de aprendizagem para o Ensino Fundamental: ciclo II: Educação Física** / Secretaria Municipal de Educação - São Paulo: SME / DOT, 2007.

SÃO PAULO (SP). SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Educação Física** /Coord. Maria Inês Fini. – São Paulo: SEE, 2008.